



XII Fórum Mineiro de Psicanálise

Corpos, línguas e outras escritas

25 a 27 de Julho de 2024

Muriae - MG

Retorno à modalidade presencial

Corpo social: massa ou coletividade?

Magali Milene Silva¹

¹ Universidade Federal de São João del Rei, São João del-Rei, MG,
magalimilene@ufsj.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-8602-7084>

Resumo

Tomando como ponto de partida as obras “Operários” de Tarsila do Amaral e “Manifestação” de Antonio Berni, esse trabalho pretende discutir a noção freudiana de massa como tentativa de reedição da horda primitiva e negação da universidade da castração. Aponta, a partir da referência ao texto lacaniano sobre o tempo lógico, a possibilidade da construção de manejos coletivos, que levem em conta a castração.

Palavras-chave: psicanálise, grupo, totemismo, coletivo.

Introdução

Pretendo discutir a formação do corpo social no enlace entre muitos, contrastando a noção freudiana de grupo, desenvolvida em 1921 (Freud, 1921/1996) e a noção lacaniana de coletivo que perpassa o texto sobre o tempo lógico, de 1945 (Lacan, 1945/1998). Exemplifico a discussão tomando como ponto de apoio duas obras de pintores latino-americanos elaboradas à mesma época, na década de 30, que são forte análise crítica do corpo social na sociedade capitalista. Trata-se de “Operários” (fig.1) de Tarsila do Amaral e de “Manifestação” (fig.2) de Antonio Berni.

A conservação do totemismo nas formações grupais

Tarsila nasceu em 1888 em São Paulo, tendo vivido a infância numa fazenda cafeeira. Aos 16 anos foi para Espanha estudar, voltando ao Brasil em 1906, trabalhando a princípio com técnicas impressionistas, posteriormente introduziu o cubismo no Brasil. Com um estilo que

fugia das determinações clássicas, retratou cenas da realidade social brasileira. Juntamente com Anita Malfatti, Mário e Oswald de Andrade, inaugura o modernismo brasileiro, com a semana de arte moderna de 1922. A obra “operários”, de 1933, retrata o trabalho nas fábricas em São Paulo de pessoas vindas de diversos lugares do Brasil, trazendo para cena o processo de industrialização do Brasil (Dalarosa e Zanella, 2017). Podemos perceber que a artista procura ressaltar a particularidade de cada pessoa, mostrando diversas características físicas. Entretanto, os rostos parecem apáticos, inexpressivos, massificados. Como se a fábrica que estivesse ao fundo, na verdade habitasse a cena principal, sendo aqueles corpos os restos sugados da operação de extração de mais valia. Assim, as individualidades são massificadas em suas diferenças. Aproximo essa imagem do apagamento das singularidades e diferenças que é caracterizado por Freud (1921/1996) como efeito das formações grupais.



Figura 1: Operários. Fonte: www.tarsiladoamaral.com.br, acesso 12/05/2024;

Ao trabalhar os grupos, Freud (1921/1996) intriga-se com o apagamento das características e valores individuais no grupo, refletindo sobre as forças libidinais que os formam e mantêm. O funcionamento de dois grupos paradigmáticos, a igreja e o exército, permitem-no desenvolver que o grupo se forma quando vários indivíduos colocam um mesmo líder (ou ideia) no lugar de seu ideal do eu, reeditando o mito da horda primitiva, ou seja, supondo uma figura de exceção, o pai totêmico, encarnado na figura do líder, como aquele que não estaria submetido à castração, que não teria limitações à satisfação. Os efeitos dessa lógica aparecem em diversas estruturas de hierarquias e explorações, no patriarcado, no machismo e misoginia, no racismo, e em tantos outros dispositivos de exclusão, sempre renovados, mas

sempre os mesmos. Para Freud (1895/1996), essa posição diante do problema humano seria efeito de uma defesa contra o desamparo, que o nega. O desamparo diz respeito à necessidade de fazer laço com o outro para sobreviver e à perda no campo da satisfação que caracteriza o humano. Ao negar o desamparo, negamos nossa própria humanidade. Não é por acaso que os efeitos são extremamente violentos e destrutivos para humanidade. Mas seria nossa única possibilidade? Continuar pagando em sofrimento neurótico, mal-estar social e violência para manter a ilusão da exceção à castração?

O coletivo e a possibilidade de ir além da lógica totêmica

Antonio Berni nasceu em 1905, em Rosário, na Argentina. Era filho de italianos e experienciou a realidade social dos imigrantes no processo de industrialização da Argentina no século XX. Criou uma linguagem artística própria, marcada por intenso realismo social (Dalarosa e Zanella, 2017). A obra “Manifestação” mostra várias pessoas em sua singularidade individual, lutando juntas por pão e trabalho. A manifestação condensa o objetivo coletivo, mas não apaga as singularidades, parecendo indicar outra lógica de agrupamento, diferente da descrita por Freud sobre as massas.



Figura 2. Manifestação. Fonte: <https://malba.org.ar/manifestacion/obra/> Acesso em 23/05/2024

Lacan (1945/1998), em “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada, um novo sofisma”, apresenta um exercício de lógica coletiva em que o diretor de um presídio propõe a 3 prisioneiros um enigma cuja solução daria liberdade ao que primeiro encontrasse a resposta. Cada prisioneiro teria um disco fixado às costas, podendo ver o disco do outro, mas não o próprio, que deveria deduzir a cor, de um total de dois discos pretos e três brancos. O desejo de

liberdade faz com que cada um se precipite, não prolongando demasiadamente o tempo de compreender, convocando ao ato. Trata-se de uma aparição primordial da noção de sujeito em Lacan, o sujeito da certeza antecipada, da aposta. Conforme Lacan (1972-1973/1985) desenvolverá posteriormente, são os movimentos de avanços e hesitações de cada prisioneiro que permitem a cada um efetivar suas operações e chegar a uma conclusão juntos, mas não apenas quando cada um toma o outro como objeto imaginário, cada um é também objeto real, irreduzível a qualquer saber para o outro.

A precipitação e a urgência da liberdade convocam ao ato, fazendo o corte nas especulações que buscariam certeza para concluir (já que a única conclusão indubitável, a visão de dois discos pretos, está ausente. Aliás, é preciso abandonar a conclusão perfeita para que o sofisma possa ser solucionado). Mas, a liberdade só é possível a todos ao mesmo tempo, uma vez que o ato de cada um orienta a aposta dos demais. A liberdade individual é, assim, uma operação coletiva (que não pode advir senão coletivamente). Operação desierarquizada, entre formalmente iguais, embora singularmente diferentes. Desse modo, se é proposta uma disputa, em que apenas um teria a liberdade em detrimento de outros, é apenas coletivamente que a liberdade é possível, subvertendo a ordem de disputa e exclusão enunciada pelo diretor do presídio. Disputa e exclusão que são alicerces do capitalismo, exacerbados em sua vertente neoliberal. Seria o coletivo uma possibilidade de outra lógica?

Jean Oury (2009), partindo das reflexões de sua prática institucional, caracteriza coletivo como uma organização geral que leva em conta o vetor da singularidade. Ou seja, trata-se de “colocar em prática sistemas coletivos e, ao mesmo tempo, preservar a dimensão de singularidade de cada um” (p. 19). Esse modo de operar coletivamente pretende dar espaço à heterogeneidade e fazer os discursos circularem. A figura que Jean Oury propõe do coletivo, essa “máquina de tratar a alienação” (p. 38), ao que eu acrescentaria, de tratar a alienação das massas, é a figura do encontro faltoso com o real, Tiquê. Lacan (1964/1998), no seminário 11, ao analisar o conceito de repetição em sua vertente simbólica e em sua vertente real, remete-nos a dois termos de Aristóteles: Tiquê e Automaton. Automaton refere-se ao movimento automático da causalidade, por exemplo, à doença que se cura sozinha porque terminou seu ciclo. Lacan usa essa figura para nos falar da repetição engendrada pelo movimento autômato da cadeia significante, repetição simbólica, que fixa uma posição para o sujeito no Outro, tentativa de integrar, de assimilar o real ao significante, comandada pelo princípio do prazer e organizada pela fantasia. Uma mesma articulação significante se repete automaticamente, uma mesma articulação S1 e S2 a que o sujeito fica alienado. Tiquê, por sua vez, é evocado por Aristóteles a respeito da causalidade atribuída à fortuna, ao acaso, como no exemplo de ir à

praça para realizar uma tarefa e encontrar uma pessoa que me devia dinheiro. Acaso, mas acaso tornado possível por um ato. Lacan trabalha a repetição em sua vertente Tiquê como encontro faltoso com o real, encontro faltoso com o real que vigora por traz do funcionamento automático do significante, que é regido pelo além do princípio do prazer, portanto, logicamente anterior à repetição significante que recobre o real. Trata-se da repetição em sua vertente real, de angústia, que pode causar uma articulação significante nova, um novo encontro com o simbólico-imaginário. Aqui, Lacan nos traz algo da causalidade como a causa real, Tiquê, objeto *a*. O analista, em sua intervenção, visa tiquê, visa precipitar o encontro faltoso com o real, na aposta de que esse encontro possa causar o novo.

Ao final da última lição do seminário 11, Lacan (1964/1998), discutindo a transferência, o desejo do analista e a direção de uma análise, repete o esquema da identificação apresentado por Freud (1921/1996) no texto “Psicologia das massas e análise do eu”. Propõe destacar *a* de *i(a)*, o objeto *a* da imagem ideal do eu, assim como a de *I(a)*, o objeto *a* do ideal do eu. Esse destaque seria uma espécie de tratamento da fórmula freudiana da fascinação coletiva. Seria necessária uma perda, uma operação de extração para que o grupo perca sua fascinação alienante e permita a singularidade e a diferença.

Considerações finais

Discutimos, a partir da noção freudiana de massa e da noção lacaniana de lógica coletiva, possibilidades de organização do estar junto. Tomamos como exemplo dessas duas lógicas, respectivamente, a obra “Operários” de Tarsila do Amaral e a obra “Manifestação” de Antonio Berni. Em operários, podemos ver o apagamento da singularidade no grupo, homogeneização, como Freud (1921/1996) nos apontou. Embora a fábrica esteja ao fundo da tela, parece ditar o tom de massificação das figuras, ideal do desenvolvimento industrial que era palavra de ordem da sociedade Paulista dos anos 30, hoje apenas modificada nas roupagens dos dispositivos neoliberais do capitalismo avançado. As expressões faciais parecem indicar um desvanecimento dos afetos, restos deslibidinizados da extração capitalista. “Manifestação”, por outro lado, embora também retrate um aglomerado de trabalhadores, não parece homogeneizar. A manifestação, ao invés de massificar por um ideal que tornaria os manifestantes iguais, apagados em sua diferença, traz uma coletividade unida pela falta: pão e água. Aquilo que lhes falta, os une. Como os prisioneiros do exercício lógico de Lacan, aos quais faltava liberdade. Não se trata da mesma modalidade de laço de união que o líder ou um ideal da massa freudiana, que nega a castração. Ao contrário, uma construção coletiva a partir da castração, da verdade irrevogável de nosso desamparo constitutivo. Laço a partir do desamparo e não laço dos que partilham da mesma modalidade de defesa e negação do hiato

que constitui os seres de linguagem. Lógica outra que não a totêmica, patriarcal. Lógica a ser reinventada? Quem sabe, a ser escutada dos povos originárias, das mulheres, das populações periféricas, dos que foram silenciados? Fica o desafio do artista e do psicanalista: podemos fazer laço e luta a partir do que nos falta?

Referências bibliográficas

- Dalarosa, A. A. & Zanella, K. (2017). Arte e luta de classes: apontamentos sobre “operários” e “manifestação”. *Argumentos Pró-Educação*, 2 (4), pp. 31-47.
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 333-449). Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 121-134). Imago. (Obra original publicada em 1912).
- Freud, S. (1996). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 77-154). Imago. (Obra original publicada em 1921).
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada, um novo sofisma. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 197-213). Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1945).
- Lacan, J. (1998). *O seminário, Livro 11: Os conceitos fundamentais da psicanálise* (2a ed.) Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1964).
- Lacan, J. (1985). *O seminário, Livro 20: Mais ainda*. Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1972-1973).
- Oury, J. (2009). *O coletivo*. Editora Adealdo e Rothschild.